

Lady Mirian Black



Bruxas



1ª edição
São Paulo
2012

Icone
editora

© Copyright 2012.
Ícone Editora Ltda

Projeto gráfico, capa e diagramação

Richard Veiga

Ilustrações

Carlos Bourdiel

Revisão

Juliana Biggi

Cláudio J. A. Rodrigues

Revisão técnica

Lady Mirian Black

Foto do Caldeirão Gunderstrup da capa

CUNLIFFE, Barry. *The Ancient Celts*. London: Penguin Books, 1997.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9610/98).

Todos os direitos reservados à:

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP 01135-000 – São Paulo – SP

Tels./Fax.: (011) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br

Bênçãos de uma bruxa

Ao abrir este livro, você libertará a antiga arte da magia celta em sua vida, e eu espero e desejo que isto lhe traga conhecimento com alegria, amor e harmonia.

Praticar magia e ser uma bruxa é, em primeiro lugar, estar de bem com você, se amar e se aceitar como você é agora, sempre buscando o aprimoramento pessoal, transformando sua realidade interior e exterior com muito amor, respeito e para o bem maior de todos os envolvidos.

Saiba que os deuses não atenderão pedidos que possam prejudicá-la ou a quem quer que seja. A magia celta vem trazer a luz, e não as trevas.

Assim, desejo que a luz da Grande Mãe e do Grande Espírito transforme a sua vida sempre para melhor a partir de agora.

Bênçãos dos deuses!

Lady Mirian Black

Agradeço e dedico esta obra...

À Grande Mãe, ao Grande Espírito e aos meus queridos guardiões e amigos do Outro Mundo, que em nome dos deuses e com sua permissão me guiam com infinita paciência, orientando-me e protegendo-me.

Às três maiores bruxas que já conheci e minhas mães: Nair Voltarelli Black (no Outro Mundo), strega de força, vontade e fé inquebrantáveis, corajosa, caridosa e extremamente inteligente; Mirian Black (no Outro Mundo), que me legou valiosos conhecimentos sobre magia, principalmente celta, mas não só; e especialmente Ana Leila Black de Castro, cujas qualidades são inúmeras, sendo as principais inteligência, vasto conhecimento, educação refinada e elegância, que foram fundamentais para minha formação. Esta é a minha mãe zelosa, sábia conselheira e avó maravilhosa. Vocês são os meus exemplos, as forças que me nortearam.

Aos meus pais por afinidade, grandes mestres que tiveram papel fundamental na minha formação pessoal, profissional e espiritual: Sérgio de Lima Castro e Neimer Mazotti (ambos no Outro Mundo). Não há uma só noite em que eu não pense em vocês... Mas é claro, vocês sabem disso!

A Thiago Pagliarini, o bruxo (apesar de fingir que não é) que realizou a magia mais importante da minha vida: a nossa família, a quem devo muitas aprendizagens como disciplina, organização e persistência, sem as quais não teria obtido sucesso na realização e na finalização desta obra. Agradeço

de coração todo o amor, apoio e paciência que recebi desde sempre, mas especialmente ao longo deste trabalho.

Aos meus amados bruxinhos Ruryk e Nahya Black Pagliarini, que participam ativamente dos rituais e dos encantamentos, contribuindo com suas presenças radiantes. Vocês são o meu tesouro, minha vida, meus amores.

Carinhosamente, agradeço a Diamantino Trindade, bruxo Wicca que abriu as portas da Editora Ícone, tornando esta obra uma realidade. Salve, meu irmão!

A todos da Ícone, especialmente ao Sr. Luis Carlos Fanelli e Richard Veiga, pela imensa paciência e carinho com que fui recebida.

A Carlos, Scarlett e Pablo Bourdiel, pelo desvelo que dedicaram não só ao trabalho, mas também a mim, sem o qual esta obra não seria tão rica. Há um ano iniciamos uma relação profissional e hoje tenho a felicidade de tê-los como amigos. Meus sinceros agradecimentos por tudo.

A todos os funcionários da biblioteca do MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, que sempre me atenderam com muita atenção e eficiência, especialmente a Hélio Rosa de Miranda, a quem considero um sábio amigo, cujo imenso conhecimento e dedicação ao trabalho foram imprescindíveis para que eu tivesse acesso a todo o material utilizado nesta obra. Sem sua ajuda, Hélio, provavelmente eu teria cometido muitos equívocos e esta obra seria deficitária em termos de informações arqueológicas e mitológicas.

A Henrique Terra, da revista eletrônica *UP Universos Paralelos*, meu amigo e mestre nas artes do Tarô há mais de vinte anos, por tudo que fez e tem feito por mim, principalmente pelo site Bruxas, que ficou lindo, e pela oportunidade de participar da revista *UP*, cuja equipe e conteúdo são simplesmente maravilhosos.

A professora doutora Adriene Baron Tacla, da UFF – Universidade Federal Fluminense, que a despeito do contato tardio foi extremamente atenciosa e solícita, fornecendo-me importante material para o estudo dos povos celtas, mas principalmente esclarecendo minhas dúvidas e me orientando com paciência e boa vontade sempre. Sem sua valiosa ajuda, eu teria cometido erros imperdoáveis, tanto na parte arqueológica quanto na parte da mitologia dos povos celtas. Obrigada por tudo.

Com carinho...

Para as bruxas assumidas e não assumidas do meu clã: tia Lits (Lilian Maria Black Veronesi), atualmente “vovó Lits”, que sempre me ajuda muito com o Ruryk e a Nahya; minhas primas Viviane Luciana e Ana Carolina Black Veronesi, atualmente “madinhas”; Rosemari Cortado Pagliarini (no Outro Mundo), profunda conhecedora e praticante de magia afro-brasileira – Umbanda; Thaís Helena da Costa Manso, cuja dedicação à família, nobreza de caráter e inteligência conquistaram meu profundo respeito, admiração e carinho (Tha, nós amamos você!) e para as bruxinhas Nicolle Bianca Black Veronesi, que possui o dom do silêncio, e Beatriz da Costa Manso Jorge, “amiga dos dragões”, minhas sobrinhas-bruxas do coração.

Para meu tio Artêmio Celso Veronesi, que desencarnou enquanto eu estava escrevendo esta obra, com todo o nosso carinho e saudades, especialmente dos seus netos Ruryk e Nahya.

Para dois grandes amigos e irmãos espirituais Eduardo Jens e Estevam Júnior Madarás, cujas amizades e convivência sentimo-nos honrados por desfrutar.

Para meus amigos caninos, meus fiéis escudeiros espirituais neste mundo: Max, Odin (no Outro Mundo) e Túre. Obrigada pela incondicional doação de energia vital e amor.

A todas as minhas ancestrais, tanto da família Black (da Escócia e Irlanda) quanto da família Voltarelli (Itália) cujos ensinamentos passados de geração em geração trouxeram-me até aqui.

A deusa que há em mim saúda a deusa ou o deus que há em você!

Bênçãos dos deuses!

Lady Mirian Black

Prefácio

A presente obra está dividida em sete partes:

☞ **Parte 1**

Aborda o povoamento do continente europeu a partir de 10000 a.C. até o surgimento dos povos celtas na Europa continental, assim como sua expansão por todo continente até a Ásia Menor e para as ilhas, especialmente Grã-Bretanha e Irlanda, com fundamento na arqueologia e nos relatos dos autores clássicos gregos e romanos.

☞ **Parte 2**

O tema central é a religião celta e seu sistema de crenças, organização, sacerdotes e práticas, com fundamento na antropologia, arqueologia, autores clássicos e mitologia céltica.

☞ **Parte 3**

Parte introdutória à prática da magia celta por meio da apresentação de conceitos e esclarecimentos sobre o tema.

☞ **Parte 4**

Aborda a prática da magia celta na atualidade, começando pelos Rituais Elementares que formam sua base.

☞ **Parte 5**

Contém a tradição de magia celta do Clã Black. São rituais mais complexos que exigem certa experiência e conhecimento por parte dos bruxos praticantes da magia em geral. Possui diversos encantamentos, rituais, feitiços etc.

☞ **Parte 6**

Nesta penúltima parte os leitores encontrarão minhas observações e estudos sobre as bruxas e a prática da magia desde a Antiguidade até os nossos dias. São alguns temas o *Malleus Maleficarum*, a história desta obra e as consequências devastadoras que causou; o que a igreja católica usurpou e deturpou da religião celta; bruxas e Jesus, dentre outros.

☞ **Parte 7**

Traz o alfabeto e oráculo dos celtas, o Ogam, também conhecido como “O alfabeto celta das árvores” ou “O oráculo celta das árvores”. Os símbolos ogâmicos podem ser usados pelos bruxos como oráculo, como poderosos talismãs e ainda como escrita encantada.

☞ **Anexos**

São informações úteis e, por vezes, necessárias à prática da magia em geral, como o significado das cores, dos números etc.

Notas

☞ Nota 1

Os leitores perceberão que, ao longo da obra, nomes e palavras em gaélico aparecerão grafadas de diversas formas, como, por exemplo, *Samain* e *Samhain*, *Táin Bó Cualing* e *Táin Bó Cualgne*.

Tais diferenças não são erros, mas se originaram da pesquisa de vários autores que adotam grafias distintas para as mesmas palavras. Como desconheço as línguas de origem céltica, preferi escrever da mesma forma que o autor pesquisado para aquele capítulo ou parte do livro, justificando assim as diferentes grafias para os mesmos nomes ou palavras.

☞ Nota 2

Ao longo de todo o livro dirijo-me aos leitores, mais especificamente às leitoras, como “bruxas”, pois esta obra tem como foco a figura feminina praticante da magia celta, entretanto, isso não exclui de modo algum os homens, aos quais me dirigirei como “bruxos”, e tampouco exclui leitores e leitoras que não se consideram bruxos ou bruxas.

Espero que este trabalho possa ser apreciado pelo público em geral e não só pelo público esotérico, pois se trata antes de mais nada de um estudo da condição da mulher nas sociedades célticas da Antiguidade (antes da conquista romana e da catolicização dos povos celtas), de sua condição após o advento do cristianismo entre os povos celtas e da religião celta antiga, com fundamento na arqueologia, antropologia, psicologia, autores clássicos e mitologia céltica.

Índice

Introdução, 19

Parte I Os povos celtas, 27

Capítulos

- 1 Origem das primeiras comunidades europeias, 31
- 2 Surgimento dos povos celtas, 35
- 3 Os gauleses – celtas da Gália, 40
- 4 Os Gálatas – celtas da Ásia, 43
- 5 Os Celtíberos – celtas da Península Ibérica, 45
- 6 Celtas na Alemanha, República Tcheca e Grécia, 47
- 7 Os celtas da Grã-Bretanha, 49
- 8 Os celtas da Escócia, 54
- 9 Os celtas do País de Gales, 58
- 10 Os celtas da Irlanda, 59
- 11 As tribos célticas mais conhecidas, 62
- 12 As sociedades matrilineares celtas, 66
- 13 A condição da mulher nas sociedades celtas até a romanização e a posterior cristianização, 69
- 14 A condição da mulher nas sociedades celtas após a cristianização, 81
- 15 As casas das bruxas celtas, 85
- 16 Aparência física dos celtas, 96
- 17 Ritos célticos funerários, 101
- 18 Os monumentos de pedras, 106

Parte 2 Religião celta, 109

Capítulos

- 19 Religião e magia – conceitos, 112
- 20 Conceito medieval e moderno de “bruxa”, 113
- 21 O Outro Mundo, 115
- 22 Os deuses celtas, 126
- 23 Domínios célticos do Outro Mundo e sua conexão com a Natureza, 134
- 24 A antiga arte celta de contar histórias, 141
- 25 A música e a poesia encantadas do *Faery*, 145
- 26 Druidisas, bruxas celtas, *seanachies* e profetisas – a mulher como oficiante na religião celta, 147
- 27 Os druidas, 151
- 28 A história do *tuatha dè Danann* e seus quatro tesouros mágicos, 160
- 29 O calendário céltico, 163
- 30 Maldições célticas, 176
- 31 Juramentos célticos, 182

Parte 3 Introdução à prática da magia celta, 187

Capítulos

- 32 O poder dos rituais segundo Jung, 190
- 33 As iniciações na magia celta, 193
- 34 A Prece do Coração, 195
- 35 Nomes encantados, 196
- 36 Roupas da bruxa para rituais – a roupa encantada, 198
- 37 O livro encantado, 202
- 38 Os Espíritos Guardiões da Natureza, 204
- 39 Instrumentos básicos para a prática da magia celta, 208

Parte 4 Magia celta – rituais elementares, 209

Capítulos

- 40 *Glannad* ou purificação, 213
- 41 Ritual de meditação e conexão com as árvores, 217
- 42 Ritual de magnetização de talismãs/amuletos, 219
- 43 Os quatro tesouros na magia celta, 225
- 44 Ritual de consagração dos quatro tesouros, 242
- 45 Ritual de saudação dos guardiões das estações, 245
- 46 Os Espaços Sagrados celtas, 249

Parte 5 Magia celta – *Draíocht*, 267

Capítulos

- 47 Varinhas encantadas, 271
- 48 *Glannad* na *Draíocht*, 284
- 49 Ritual de invocação do Guardiã Encantado, 285
- 50 Celebrações do calendário céltico, 289
- 51 Canção encantada do País das Fadas, 295
- 52 Encantamento para visitar o País das Fadas, 297
- 53 Ritual celta de proteção da criança, 300
- 54 Ritual celta de casamento, 306
- 55 Ritual celta de preparação para a desencarnação, 315
- 56 Criando uma barreira druídica de proteção — *airbe drùad* — para o lar e para seus moradores, 317
- 57 O Pote da Abundância e Prosperidade, 325
- 58 Encantamento para obter a *dá sheallach* ou segunda visão, 326
- 59 Pós encantados, 328
- 60 Encantamento para afastar inimigos, 331
- 61 Poções encantadas, 332
- 62 Feitiço para anular maldições, 337
- 63 Juramento das bruxas celtas, 340

Parte 6 As bruxas na história, 341

Capítulos

- 64 Igreja Católica – a instituição que fala em nome de Deus e Jesus mas usa os métodos do diabo, 344
- 65 *Malleus Maleficarum* – a obra que demonizou as mulheres, 347
- 66 O que a Igreja Católica Apostólica Romana usurpou e distorceu da Religião Celta, 355
- 67 Bruxas e Jesus, 363

Parte 7 Ogam – O oráculo céltico das árvores, 365

- 68 Introdução ao Ogam, 368
- 69 Significado das letras ogâmicas, 375
- 70 Métodos de leitura do Ogam, 416

Tabelas para consultas rápidas, 421

Bibliografia, 427

Introdução

☞ **As bruxas celtas existiram?**

A mitologia celta é povoada por bruxas e feiticeiras poderosas que podiam mudar sua própria forma e a das pessoas e transformá-las em animais ou objetos, eram videntes, previam o futuro, estavam sempre às voltas com o povo das fadas e outras criaturas encantadas, indo e vindo do Faery e do Outro Mundo.

Nos mitos também aparecem bruxos, embora com menor frequência, pois o mais comum é que a figura masculina represente papéis como de heróis-guerreiros, druidas e bardos. A mulher celta, por sua vez, não fica atrás e também exerce funções como as de rainha, guerreira, druidisa, barda, satirista e profetisa.

As bruxas das narrativas célticas antigas não necessariamente eram personagens más, apesar de existirem algumas que tinham especial vocação para a maldade, entretanto, nem sempre podiam ser consideradas essencialmente boas. Eram apenas mulheres dotadas de poderes “sobrenaturais”¹, portadoras do conhecimento ancestral da religião celta, conquanto estivessem ainda sujeitas às paixões humanas.

¹ Para mim não existem poderes sobrenaturais, sendo antes poderes naturais dos quais todos os seres humanos são dotados, porém, algumas pessoas os desenvolvem mais que outras e aprendem a usá-los.

Há uma discussão acadêmica entre arqueólogos, historiadores, pesquisadores e professores acerca da veracidade das informações que constam dos mitos célticos. Para alguns, não passam de folclore ou lendas e não devem receber maior importância além da cultural.

Todavia, para outros estudiosos, os mitos preservaram histórias reais que ocorreram há milênios e que, passadas de geração a geração, ganharam componentes fantásticos e irreais. Mesmo assim, tais histórias não podem ser descartadas, devendo antes ser analisadas cuidadosamente, procurando-se deixar de lado os atributos fantasiosos sem desprezar as valiosas informações de ocorrências históricas entre os povos celtas antigos.

Em adoção a este segundo entendimento sobre os mitos célticos, se há tantos relatos sobre bruxas e feiticeiras celtas, deve existir um fundo de verdade, isto é, provavelmente no mundo céltico da Antiguidade bruxas e feiticeiras foram mulheres de carne e osso que possuíam dons espirituais especiais e os usaram para o bem ou para o mal.

Portanto, à pergunta “As bruxas celtas existiram?”, minha resposta é sim e não. Em relação ao conceito moderno de “bruxas” ou genericamente “bruxos”, que são os praticantes de magia e afins, a resposta é “Sim, as bruxas celtas existiram”. Por outro lado, considerando que praticar magia era natural e que todos indistintamente a praticavam cotidianamente fazendo oferendas aos ancestrais, participando das grandes celebrações do calendário céltico, mantendo contato com criaturas encantadas, praticando o curandeirismo etc., a resposta é “Não, as bruxas celtas não existiram, porque todos praticavam a magia como algo natural”. Numa comparação alegórica, seria mais ou menos como escovar os dentes: praticamente todas as pessoas escovam seus dentes, mas ninguém recebe um nome específico por praticar este ato.

Para a presente obra, decidi chamar as mulheres celtas da Antiguidade praticantes da religião ou magia celta de “bruxas celtas”, no sentido de “mulheres comuns que professavam a religião da deusa ou “a antiga fé” de forma natural e não mais do que qualquer outro membro da tribo, e que fizeram uso dos seus dons e conhecimentos espirituais especiais.”

☞ **Quem eram os povos celtas?**

Três são as fontes contemporâneas que fornecem informações acerca dos povos celtas: a arqueologia, os estudos linguísticos e os autores clássicos.

Os autores clássicos foram, em sua maioria, escritores gregos que eram historiadores, filósofos, poetas e geógrafos, e alguns escritores romanos, além do próprio Júlio César. A maioria dos autores clássicos manteve contato direto com os povos celtas da Europa na Antiguidade, por eles denominados bárbaros, registrando seus costumes, aparência, organização política e social etc.

Para o trabalho em questão, os relatos dos autores clássicos foram usados com cautela, haja vista tratar-se da narrativa feita pelos conquistadores sobre o povo que pretendiam conquistar.

Outra fonte de informações são as sagas celtas passadas oralmente de geração a geração durante milênios, transcritas pelos clérigos entre os séculos nono e décimo segundo. Quanto às sagas e histórias da mitologia celta em geral, infelizmente foram distorcidas, recebendo conotação e elementos católicos, alterando-lhes o conteúdo, as características das personagens e o desfecho. Por este motivo, mesmo os estudiosos que utilizam estas fontes literárias em seus estudos o fazem com muita precaução.

Todavia, é importante esclarecer quem eram os povos celtas, pois existe uma vasta discussão acadêmica sobre o assunto. Estudiosos questionavam, e ainda hoje questionam, se os celtas seriam um povo no sentido etnológico da palavra ou se eram povos etnológica e culturalmente distintos entre si, que apenas falavam os idiomas classificados como célticos.

Para T. G. E. Powell² não há dúvidas de que durante quatro séculos, mais ou menos entre 500 e 100 a.C., os celtas foram um povo reconhecível pela maneira de viver, pela sua organização política e pela aparência física, pois com base nos relatos dos autores clássicos o termo “celtas” teria sido aplicado no sentido etnológico para definir um povo, sem a intenção de identificar povos distintos que falavam dialetos célticos. A concepção de que celtas são “povos faladores das línguas célticas” é meramente acadêmica, derivada e criada por meio dos estudos linguísticos de Edward Lhuyd.

Ian Armit³ mantém opinião diversa e entende que os celtas eram, na verdade, uma família linguística que foi definida no século dezessete pelo linguista galês Edward Lhuyd (1660-1709), com base nos trabalhos de Paul-Yves Pegron. Lhuyd teria usado o termo “celtas” para definir esta nova família linguística, pois acreditava tratar-se de um nome respeitável e

2 Powell, T. G. E. *Os Celtas*. Ed. Verbo, 1º v. Coleção História Mundi, Lisboa, 1965.

3 Armit, Ian. *Celtic Scotland*, Londres: Ed. Batsford, 2005, p. 10-17.

razoavelmente neutro. Todavia, o trabalho de Lhuyd tornou-se conhecido, disseminando-se amplamente, e a ideia equivocada de que todos os povos faladores das línguas célticas seriam uma grande nação de mesma cultura acabou por se estabelecer na mente do público nos séculos dezoito e dezanove, gerando grande confusão.

Armit explica que as bases linguísticas que Lhuyd usou para definir o povo celta não guardam relação com o critério usado pelos autores clássicos para definirem esses mesmos povos. Ainda, não há qualquer evidência que demonstre que os povos que falavam línguas reconhecidas como célticas mantinham laços culturais e etnológicos entre si.

Portanto, da mesma forma como procede a maioria dos respeitáveis autores cujas obras embasaram este livro, chamarei de “celtas” todos os povos falantes das línguas célticas.

☞ **Os celtas, esses povos “bárbaros”**

Para Powell, o nome “celtas” seria derivado de *keltoi*, nome pelo qual os gregos teriam se referido a este povo. *Keltoi*, por sua vez, teria sido reproduzido na língua grega com base na pronúncia nativa dos próprios celtas e teria sido usado principalmente pelos celtas da Espanha. No restante da Europa, o nome *keltoi* parece ter sido usado muito raramente, sendo certa a existência de celtas que adotavam nomes tribais diferentes, apesar de esta prova se basear em fontes posteriores a Heródoto (relatos e documentos deixados por autores clássicos que não conviveram com os celtas).

Os romanos chamaram os celtas que invadiram a região da Itália de *galli*, de onde derivaram os nomes Gália Transalpina e Cisalpina⁴. Políbio, dois séculos mais tarde, referiu-se a estes invasores em seus relatos como *galatae*, palavra empregada largamente pelos autores gregos.

Por outro lado, os autores clássicos Diodoro Sículo, Estrabão e Pausânias afirmaram que *galli* e *galatae* eram nomes equivalentes a *keltoi* (“celtas” em grego) e *celtae* (“celtas” em latim).

César esclareceu em sua obra *De Bello Gallico* que os *galli* do seu tempo davam a si mesmos o nome de *celtae*. No sul da Espanha o nome *celtici*, provavelmente de uma tribo celta da região, sobreviveu até os tempos romanos.

⁴ Gália Transalpina foi o nome dado pelos romanos ao território que se estendia entre os Alpes, delimitado pelo Mar Mediterrâneo, os Pirineus, o Reno e o Oceano Atlântico, e corresponde basicamente ao território hoje ocupado pela França. A Gália Cisalpina (*Gallia Cisalpina*, “aquém dos Alpes”, em latim) correspondia ao território compreendido entre os Apeninos e os Alpes, na planície do rio Pó, que é o norte da atual Itália.

Os celtas eram povos que ocuparam grande parte do continente europeu a partir de 800 a.C., estendendo-se para a Grã-Bretanha, Irlanda e demais ilhas, assim como estabeleceram-se na Ásia Menor e alcançaram o Egito. Mantinham a fama de serem guerreiros destemidos e aterrorizavam seus inimigos, em especial os romanos.

O autor clássico Éforo escreveu por volta de 400 a.C. que os celtas eram um dos quatro grandes povos bárbaros da Europa. Os outros três eram os citas, os persas e os lígures. O geógrafo Eratóstenes escreveu no século seguinte que eles estavam espalhados pela Europa ocidental e Gália Transalpina.

Há quem afirme que os romanos nunca puseram os pés na Irlanda porque acreditavam que os celtas daquela ilha eram ainda mais selvagens e ferozes que os celtas da Grã-Bretanha, embora o autor Peter Harbison⁵ esclareça que, na verdade, Roma não vislumbrou vantagens econômicas na conquista daquela ilha que compensassem o custo de uma campanha militar.

O desprezo dos celtas perante a morte, oriundo da crença na imortalidade da alma e na reencarnação, aliado ao poder de suas druidisas, druidas, deuses e heróis-guerreiros, fez dos homens e mulheres celtas guerreiros valorosos cuja fama percorreu todo o mundo antigo e sobrevive ainda nos dias de hoje.

Eram corajosos e destemidos. Partiam para uma batalha como se fossem a um festejo, entoando canções aos deuses e brandindo suas armas. Apareciam para o inimigo nus da cintura para cima, com os corpos e rostos pintados com símbolos e desenhos da arte céltica, com um pigmento vegetal de cor azul claro chamado ísate ou ísatis, que César chamou de *woad*.

Acreditavam que o ísate, além de ser a cor dos deuses e possuir poderes espirituais de proteção e força, também continha substâncias medicinais. Nos momentos que antecediam o confronto, gritavam e mostravam suas armas, atirando-se ferozmente sobre o exército inimigo, aterrorizando os soldados completamente.

Mas os celtas não eram apenas povos aguerridos. Foram um dos primeiros povos do mundo a trabalhar com o ferro dominando a arte da metalurgia com maestria, criando armas muito apreciadas na sua época, assim como joias e outros adornos. Domesticaram os animais, inicialmente usados na

5 Harbison, Peter. *Pre-Christian Ireland*, Londres: Thames and Hudson, 1998, p. 170.

alimentação e força de trabalho, inclusive os cavalos, mas logo aprenderam que estes últimos poderiam ser montados.

Criaram equipamentos para tornar esta atividade segura como arreios, freio e cela. Em pouco tempo, tornaram-se hábeis cavaleiros e transformaram os cavalos em seus aliados nas guerras e na vida cotidiana. Os romanos aproveitaram o poderio que se tornou a cavalaria celta e incorporaram sua tecnologia e habilidades à sua própria cavalaria, tornando-a uma força imbatível.

Os celtas estabeleceram comércio entre si e com outros povos. Um dos artigos produzidos pelos celtas e bastante almejado entre os outros povos da Europa eram as espadas celtas, únicas em termos de beleza, resistência, leveza e afiação. Acredito que as espadas celtas da Antiguidade fossem o equivalente ocidental das *katanas* japonesas, por serem itens de alta qualidade e beleza, e conseqüentemente, de grande valor.

Certamente nem todos podiam adquirir tal item, assim como não eram todos os ferreiros que conseguiam produzi-lo. O guerreiro comum fazia uso de espadas pesadas e rudimentares, como foi observado em diversos sítios arqueológicos onde existiram comunidades célticas ou locais sagrados (espadas e escudos eram oferendas comuns aos mortos).

Os celtas, com sua mitologia riquíssima, domínio sobre as ciências, a magia e a metalurgia, com sua arte, música e poesia belíssimas eram simplesmente fascinantes. Mas o que mais chamou minha atenção foi o respeito e a admiração que os celtas renderam às suas mulheres e à deusa.

Quando a deusa era mulher, mulheres e homens caminhavam sobre a terra de mãos dadas, cada qual cumprindo sua função, assim como ocorre na Natureza. Mulheres e homens praticavam o intercâmbio entre os seres humanos e as forças divinas, isto é, existiram druidisas e druidas, sacerdotisas e sacerdotes celtas.

Às druidisas e druidas cabiam determinadas funções além das celebrações anuais do calendário céltico, como julgamentos, distribuição da lei, guarda e difusão da tradição oral dos povos celtas, função esta também cumprida pelos bardos.

No entanto, qualquer celta poderia se dirigir à Grande Mãe e ao Pai Tribal sem a necessidade de intermediários, afinal, todos eram filhos dos deuses e eram iguais perante seus olhos. As bruxas celtas praticavam a medicina natural, vidência, encantamentos de amor ou para curar um amor etc. Todos estes conhecimentos eram transmitidos de mães e pais para filhas e filhos.

É às mulheres que dedico esta obra, especialmente às heroínas celtas anônimas da Antiguidade, que mesmo após a catolicização do seu povo, enfrentaram a igreja e mantiveram suas tradições de magia, suas crenças na religião da deusa.

Neste embate cruel e covarde, muitas foram mortas, mas aquelas que sobreviveram continuaram a transmitir a magia antiga aos seus sucessores. Todas estas mulheres corajosas merecem reverência, assim como minhas ancestrais, às quais honro agora com audácia e fidelidade!⁶

⁶ “Audax et fidelis”, embora latinizada, é a divisa do clã Black, conforme brasão da família – ilustração do início da Parte 5.



Parte 1



Os povos celtas

